

1

O que é o teísmo aberto?

Neste capítulo, tentarei descrever em termos gerais a posição do teísmo aberto, contrastando-o com o teísmo tradicional. Porém, em primeiro lugar, preciso remover algumas barreiras para um entendimento recíproco.

A retórica e a realidade

Os teólogos do movimento teísmo aberto nem sempre têm sido muito claros ao descrever aquilo em que acreditam. Muitas de suas exposições (porém, certamente, não todas) são mais parecidas com palestras motivadoras ou discursos políticos do que com filosofia ou teologia séria. Eles parecem estar mais interessados na persuasão do que na clareza. Muitas vezes, eles escrevem prosas emotivas, procurando sensibilizar o leitor com respeito à sua posição e dar um sentimento de aversão em relação às concepções tradicionais de Deus. Preciso começar alertando os leitores para que não se deixem levar por essa retórica.

Clark Pinnock, por exemplo, um dos teólogos desse movimento, distingue “dois modelos de Deus” que as pessoas “comumente trazem consigo na mente”:

Podemos imaginar Deus primeiramente como um monarca distante, afastado das contingências do mundo, imutável em todos os aspectos do seu ser, como um poder todo-determinante e irresistível, ciente de tudo o que irá acontecer e que nunca se arrisca. Ou, podemos entender Deus como um pai que se preocupa, dotado de atributos de amor e receptividade, generosidade e sensibilidade, abertura e vulnerabilidade, uma pessoa (em vez de um princípio metafísico) que se aventura

no mundo, reage ao que lhe acontece, relaciona-se conosco e interage dinamicamente com os seres humanos.¹

Pinnock endossa o segundo modelo e o identifica como sendo o teísmo aberto.² Mas essa descrição de supostos modelos gerais de Deus não soa como verdadeira. Minha impressão é que a maioria dos cristãos associa elementos de ambos os modelos: Deus é um monarca, mas não afastado. Ele é um poder todo-determinante e irresistível, mas também um Pai que se preocupa.³ Ele não é contingente (ou seja, dependente) do mundo, tampouco está “afastado das contingências do mundo”, pois está muitíssimo envolvido com o mundo que criou. Está a par de tudo o que acontece e nunca se arrisca, contudo é abundante em amor e receptividade, em generosidade e em sensibilidade. Ele é uma pessoa, não meramente um princípio metafísico.⁴ Também não creio que muitos cristãos (mesmo os tradicionais) desaprovassem a descrição que Pinnock fez a respeito de Deus como alguém que “conhece o mundo, reage ao que acontece, relaciona-se conosco e interage ativamente com os seres humanos”.⁵

O que Pinnock apresenta como sendo dois modelos distintos de Deus consiste, em grande parte, de aspectos de um modelo único – o modelo bíblico que tem orientado o pensamento da maioria dos cristãos ao longo dos séculos. Eu rejeitaria dois elementos da primeira lista (a indiferença de Deus e seu afastamento do curso do mundo) e questionaria dois da segunda lista (a abertura de Deus e sua vulnerabilidade).⁶ Penso que a maioria dos cristãos através da História concordaria comigo.

A abertura do Deus soberano

Eu disse que questiono os termos de Pinnock, *abertura* e *vulnerabilidade*, mas não que os rejeito. Na verdade, posso ratificar esses termos em alguns sentidos. Contudo, eles são ambíguos. O termo *abertura* é, certamente, uma metáfora. Não é usado nas Escrituras como um atributo de Deus, e não possui um significado padrão na literatura teológica. Richard Rice define esse termo mostrando que o teísmo aberto “considera Deus como receptivo a novas experiências e flexível quanto ao modo como age em direção a seus objetivos no mundo”.⁷

Eu acredito, porém, que Pinnock e outros usem a palavra *aberto* também por causa de suas conotações.⁸ O termo dá uma boa impressão. Ele sugere um panorama de vastas campinas, cheias de alegres raios solares, esteiras convidativas, portões abertos, pensamentos não-dogmáticos e pessoas dispostas a compartilhar os seus segredos mais íntimos. Esse tipo de fantasia é

certamente atraente às pessoas em nossa cultura. No entanto, precisamos ser cuidadosos quanto a isso. Isso porque *fechado* é, às vezes, melhor que *aberto*. A comida se estraga se deixarmos a porta da geladeira aberta. Um cofre aberto é um convite para os ladrões. E não é nada prudente deixar a porta do carro aberta enquanto este estiver em movimento. Talvez, em certos aspectos, é melhor para Deus que ele seja *fechado*. Por exemplo, se ele realmente deixou todo o futuro completamente em aberto, ele também deixou em aberto a possibilidade da vitória de Satanás.

Como veremos, o soberano Deus do teísmo cristão tradicional é fechado em certos aspectos. Entretanto, concernente a outros aspectos, ele também é um Deus de abertura. Ele abre o mundo de maneira maravilhosa para os seus filhos, ordenando que exercitem domínio sobre o mundo inteiro (Gn 1.28), habilitando Paulo a dizer que ele tudo pode por meio de Cristo (Fp 4.13). Ele coloca uma porta aberta perante o seu povo enquanto proclamam a Cristo por todo o mundo (Cl 4.3; Ap 3.8). Deus pode abrir e fechar as portas da criação precisamente por ser soberano: o “que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá” (Ap 3.7).

Sua soberania o torna totalmente aberto a nossas orações, pois ele sempre pode respondê-las. Para ele, porta alguma se encontra fechada. Ele pode, na verdade, até mesmo abrir as portas do coração humano à sua influência; e não podemos deixá-lo de fora. Seu poder soberano nos abre para ele e, vice-versa, ele a nós.

Portanto, a metáfora da abertura beneficia ambas as partes. Na verdade, os relativamente poucos usos de *aberto* na Bíblia encaixam-se melhor no modelo tradicional do que no de Pinnock. Porém, não há dúvida de que não se pode construir teologia sobre metáforas, pois estas têm a característica de poderem ser tomadas em várias direções diferentes, mas de preferência com base no ensino das Escrituras.

Vulnerabilidade soberana

Vulnerabilidade é uma idéia que examinarei mais adiante neste livro. Minha opinião é que Deus, em sua natureza básica, não pode sofrer perda, e o seu plano eterno não pode sofrer derrota alguma. Nesses aspectos, ele é invulnerável. Mas, ao interagir com as criaturas, ele realmente pode se entristecer (Ef 4.30). Jesus era profundamente vulnerável, mesmo sendo nada menos que o próprio Filho de Deus. E até mesmo, independentemente da Encarnação, o profeta declarou: “Em toda a angústia deles, foi ele (Deus) angustiado” (Is 63.9). Essa ênfase bíblica é totalmente compatível com o teísmo clássico, como argumentarei neste livro.⁹

As ambigüidades do teísmo aberto

Entretanto, não fizemos muito progresso em definir, de modo mais preciso, a natureza do teísmo aberto e suas diferenças com relação à visão tradicional. As duas listas de Pinnock, como vimos, são muito vagas, ambíguas e equivocadas ao definir essas diferenças. Gastei algum tempo em suas listas para demonstrar que o apelo do teísmo aberto é freqüentemente baseado nas conotações, nos sons e na retórica das palavras, em vez de na substância.

Outro exemplo é fornecido pelo prefácio do livro *The Openness of God*:

Deus, em sua graça, concede aos seres humanos liberdade significativa para cooperar com, ou ir contra, a vontade de Deus para suas vidas, e ele entra em relacionamentos dinâmicos e recíprocos conosco. A vida cristã envolve uma genuína interação entre Deus e os seres humanos. Respondemos às iniciativas graciosas de Deus e Deus reage à nossas respostas... e assim por diante. Deus se arrisca nesse relacionamento recíproco. Mesmo assim, ele é infinitamente rico em recursos e competente para manejar as coisas, levando-as a seus objetivos últimos. Às vezes, Deus, sozinho, decide como executar esses objetivos. Em outras ocasiões, Deus age com decisões humanas, adaptando os seus próprios planos para que se ajustem às situações inconstantes. Deus não controla tudo o que acontece. De preferência, ele está aberto a receber informação de suas criaturas. Em diálogo amoroso, Deus nos convida a participar com ele na formação do futuro.¹⁰

Os autores admitem, para mérito deles, que essa descrição de teísmo aberto é feita somente em forma de “grandes pinceladas”.¹¹ Todavia, esse é o tipo de descrição que prende a atenção e as emoções da maioria dos leitores. Os autores se oferecem para nos levar a uma aventura maravilhosa, de grande risco, mas de braços dados com o próprio Deus. Quem não gostaria de ir?

Mas o que é “liberdade significativa”? Os teólogos do movimento do teísmo aberto também a descrevem como sendo a “liberdade real” ou “liberdade verdadeira”. (Compare a última referência com “a interação verdadeira”.) É claro que todos querem ter liberdade “verdadeira”, e todos gostariam de acreditar que a possuem (na verdade, que outro tipo de liberdade há?). Entretanto, essa linguagem prejudica muito a argumentação. Como veremos mais adiante, o teísmo aberto ensina uma perspectiva específica de liberdade, ou seja, o indeterminismo, o qual é altamente controverso na teologia. Argumentarei que esse conceito não é bíblico e é incoerente. Por meio de uma análise

cuidadosa, o indeterminismo se revela como sendo, não liberdade verdadeira, mas sim um tipo de escravidão ao acaso imprevisível.

E qual é o significado de um relacionamento “dinâmico” com Deus, em oposição a um relacionamento estático? A teologia moderna exalta coisas dinâmicas e demoniza tudo o que é estático. E os autores de *The Openness of God* seguem fielmente essa tendência. Porém, qual é a verdadeira diferença? Evidentemente, nesse contexto, *dinâmica* significa “mudança”, em vez de “poderoso”. Contudo, mesmo na teologia clássica, o nosso relacionamento com Deus muda em certos aspectos, mesmo que Deus, em si mesmo, não mude; ou seja, Deus é imutável em sua natureza e em seu plano eterno, mas o seu relacionamento com as criaturas certamente muda. Portanto, na verdade, tanto a teologia ortodoxa como o teísmo aberto nos prometem um relacionamento dinâmico com Deus.

Será que queremos realmente excluir qualquer aspecto estático (imutável) do nosso relacionamento com Deus? Será que não é importante que alguns dos aspectos desse relacionamento sejam imutáveis, como, por exemplo, as promessas de Deus, o seu caminho para a salvação, a sua justiça, a sua santidade e a sua misericórdia? O escritor do Salmo 136 não se deleita em repetir o refrão: “sua misericórdia dura para sempre”? Será que algum teólogo do teísmo aberto ficaria contente se visse o amor de Deus se transformar em crueldade?

Meu apelo a todos os leitores de livros escritos por teólogos que defendem o teísmo aberto é que não se deixem levar pela retórica. Não deixem que coisa alguma lhes passe despercebida. Reflitam bem sobre o assunto; perguntem-se o que esses autores estão realmente dizendo. Não se deixem impressionar pela linguagem ambígua, mas retoricamente atraente, que eles usam.

Como os teólogos que defendem o teísmo aberto vêem o teísmo tradicional

Agora é hora de nos deslocarmos da retórica às diferenças verdadeiras entre o teísmo aberto e o tradicional. Os teólogos do teísmo aberto, diga-se a seu favor, vão, por vezes, além de uma postura retórica para uma postura analítica. Richard Rice, por exemplo, nos dá um relato preciso dos temas em controvérsia, e é preciso examiná-lo. Devemos, primariamente, considerar como os teólogos do teísmo aberto vêem os ensinamentos dos teístas tradicionais. Aqui vai o meu resumo do que Rice denomina de perspectiva “tradicional” ou “convencional”:¹²

1. Ela enfatiza a soberania, a majestade e a glória de Deus.
2. A vontade de Deus é a explicação final de todas as coisas.
3. A sua vontade é irresistível.
4. Ele é generoso e benevolente, mas é igualmente glorificado com a destruição do ímpio.
5. Ele está acima do tempo.
6. Ele conhece todas as coisas do passado, do presente e do futuro.
7. Em sua essência, ele não é afetado pelos acontecimentos e pelas experiências humanas.

Os termos *tradicional* e *convencional* sugerem que as tradições teológicas, em sua maioria, concordariam com essas afirmações. Na realidade, porém, a descrição de Rice reflete especificamente as convicções calvinistas, mais do que qualquer outra tradição. Os arminianos, por exemplo, não concordariam que a vontade de Deus é a explicação final de tudo ou que sua vontade é irresistível. Por outro lado, nem todos os calvinistas concordariam que Deus é glorificado igualmente (ou em todos os sentidos), tanto na salvação dos justos quanto na destruição dos perversos. Os calvinistas acreditam que Deus predestina igualmente ambos os resultados, assim como preordena todos os acontecimentos da natureza e da História. No entanto, nem todos os acontecimentos lhe são agradáveis e, nesse sentido, nem todos os acontecimentos o glorificam de maneira idêntica. Quanto à destruição do ímpio, a Escritura afirma que Deus “não tem prazer na morte do perverso” (Ez 33.11) e muitos calvinistas tomam esse ensinamento de modo totalmente literal.¹³ Entretanto, a lista de Rice indica os conceitos sobre Deus que os teólogos do teísmo aberto querem rejeitar.

As principais reivindicações do teísmo aberto

Posteriormente, Rice expõe a sua própria perspectiva de Deus, a qual é compartilhada por outros teólogos do teísmo aberto. Mais uma vez parafraseio e resumo, usando muito da própria linguagem de Rice:¹⁴

1. O amor é a qualidade mais importante de Deus.
2. O amor não é apenas cuidado e comprometimento, mas também ser sensível e compreensivo.
3. As criaturas exercem influência sobre Deus.
4. A vontade de Deus não é a última explicação de todas as coisas. A História é o resultado da combinação do que Deus e suas criaturas decidem fazer.

5. Deus não conhece todas as coisas eternamente, mas aprende com o desenrolar dos acontecimentos.
6. Portanto, em certos aspectos, Deus depende do mundo.

Além dessas, há uma sétima proposição que Rice não menciona aqui, mas que é central ao teísmo aberto – possivelmente seja, até mesmo, a raiz da qual se deriva todo o sistema:

7. Os seres humanos são livres no sentido indeterminista.

Indeterminismo é o nome filosófico daquilo que Pinnock chama de “liberdade significativa”, descrita na passagem anteriormente citada. O filósofo e teólogo do teísmo aberto William Hasker define o livre-arbítrio indeterminista da seguinte maneira:

Um agente é livre com respeito a uma dada ação num dado momento se, nesse momento, está em seu poder executá-la, bem como, em seu poder, a capacidade de abster-se dela.¹⁵

Dessa perspectiva, as nossas escolhas livres são absolutamente indeterminadas e sem motivo ou razão. Elas não são predeterminadas por Deus, ou pelas circunstâncias, ou até mesmo pelo nosso próprio caráter e pelos nossos desejos. Argumentarei no capítulo 8 que essa perspectiva de liberdade não é bíblica. A Escritura afirma que somos livres para agir de acordo com os nossos desejos e nossa natureza, e que a graça de Deus pode nos libertar do pecado para servir a Cristo. No entanto, ela não ensina o indeterminismo, mas, antes, o exclui. Ademais, argumentarei que, contrário a Hasker e outros, o indeterminismo não estabelece responsabilidade moral, mas, antes, a destrói.

Nos capítulos que se seguem examinarei essas reivindicações distintas do teísmo aberto, tanto as positivas quanto as negativas, comparando-as com o ensino da Bíblia.